

Marxismo como ciência social

ADRIANO CODATO E RENATO PERISSINOTTO
Curitiba: Editora UFPR, 2011, 282p.

*Luiz Eduardo Motta**

O livro de Adriano Codato e Renato Perissinotto, *Marxismo como ciência social*, premiado na Anpocs como melhor Obra Científica de Ciências Sociais em 2012, veio sem dúvida preencher uma importante lacuna no campo das ciências sociais do Brasil, sobretudo no tocante à ciência política. Como bem observa o cientista político e pesquisador do Iesp, João Feres Jr., que escreveu a apresentação do livro, a teoria marxista, a despeito de toda a sua riqueza conceitual constituída ao longo de 150 anos por meio de ricos debates teóricos, foi implodida com a crise do socialismo do Leste Europeu a partir da Queda do Muro de Berlim em 1989, com o que o pensamento marxista foi intensamente (e injustamente) associado a esse fracasso.

O livro de Codato e Perissinotto soma-se ao livro de Armando Boito Jr., *Estado, política e classes sociais*, como uma das raras análises sobre o Estado capitalista a partir da teoria marxista de Louis Althusser, especialmente no que concerne à tese da descontinuidade das obras científicas de Marx em relação às suas obras filosóficas de juventude, além da contribuição da teoria do Estado capitalista de Nicos Poulantzas. O fato de esse livro ter sido premiado pela Anpocs demonstra que outros sinais no campo acadêmico têm emergido. Não é muito comum uma

* Professor de Ciência Política da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); luizpmotta@ig.com.br.

obra de teor marxista (sobretudo de corte althusseriano) receber um importante prêmio acadêmico, pelo menos no Brasil.

Adriano Codato e Renato Perissinotto, professores e pesquisadores de ciência política da UFPR, têm marcado presença no cenário acadêmico nos últimos dez anos pela intensa produção de qualidade sobre a problemática do Estado capitalista e da cena política, não se restringindo à vertente marxista, mas também tratando de outras perspectivas teóricas como a chamada teoria das elites e do neoinstitucionalismo, tanto da corrente histórica de Peter Evans e de Theda Skopel, como também da vertente da teoria da escolha racional. Esse livro reúne os mais significativos artigos escritos pela dupla (tanto juntos como separados), publicados por diferentes revistas acadêmicas, tanto do Brasil como no exterior.

Dos nove capítulos, três textos foram escritos por ambos os autores: o primeiro “O Estado como instituição”, e os polêmicos “Marxismo ou elitismo” e “Por uma análise societalista da política”. No primeiro demarcam uma distinção entre a teoria do Estado capitalista marxista (apoiados nas análises de Marx, Poulantzas e Therborn) e o neoinstitucionalismo, corrente sobre a qual afirmam que não há nenhuma novidade teórica, já que reproduz em larga escala os velhos (e originais) argumentos tecidos por Max Weber no início do século XX sobre o Estado moderno.

Os outros dois artigos buscam, ao mesmo tempo, diferenciar e aproximar o marxismo da perspectiva elitista, seja pelo viés da teoria da escolha racional, seja por outras vertentes, inclusive divergentes entre si, como as de Dahl e Wright Mills. Esse aspecto não constitui uma novidade no campo do marxismo: Miliband e Bottomore já apontavam essa aproximação ao considerarem que o conceito de elite seria útil ao marxismo na medida em que explica algumas formações sociais às quais o conceito de classe não se aplicaria ou não se ajustaria adequadamente. Para Codato e Perissinotto, é preciso avançar nessa posição. Para eles “é mais razoável pensar que o conceito de elite pode ajudar a *operacionalizar empiricamente* a análise classista da política” (p.239; grifos no original). Contudo, apesar da tentativa da aproximação, ambos os autores apontam os limites da teoria da escolha racional quando afirmam que esta é pobre no tocante ao conteúdo histórico devido ao alto grau de suas abstrações em torno das ações dos indivíduos, deixando de lado uma riqueza de variações culturais (ideológicas), construídas socialmente. Os autores tampouco incorporam em suas análises a visão “cíclica” da teoria das elites onde não haveria mudança de fato, já que sempre haveria uma elite substituindo outra, o que vai de encontro à perspectiva de ruptura e descontinuidade da teoria marxista.

Os demais artigos solos articulam-se aos escritos pela dupla. Os artigos de Codato “Lendo Marx à luz de Marx” e “O espaço político segundo Marx”, e o de Perissinotto “Marx e a teoria contemporânea do Estado” têm em comum a análise da questão da cena/espço político, e do papel da autonomia do Estado, a rica obra de Marx, *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*. No caso do primeiro artigo de Codato, a interessante análise da relação da determinação (em última instância) da

estrutura econômica (ou das relações de produção e das forças produtivas) sobre a superestrutura estatal aborda a problemática da determinação e da contingência; essa questão tensa da determinação com a contingência é, por sinal, uma das mais ricas contribuições de Althusser ao marxismo, como pode-se ver no seu artigo “Contradição e sobre-determinação”.

Os três artigos restantes são ricos e instigantes estudos sobre a teoria política de Nicos Poulantzas (Codato), do marxismo analítico e das classes sociais na teoria marxista (Perissinotto). Codato faz um amplo mapeamento da obra de Poulantzas no qual aponta três momentos distintos e descontínuos do cientista político marxista, os quais ele considera divergentes entre si. Uma questão: seria de fato Gramsci a principal influência de Poulantzas na sua última fase, se lembrarmos que o greco-francês afirma a dificuldade de constituir a hegemonia de uma classe mediante a multiplicidade de micropolíticas nos aparatos estatais que dificultam (quando não impossibilitam) a formação de uma política coerente e coesa mediante os acasos e as contingências derivadas dessas micropolíticas e deslocamentos constantes de relações de forças?

Já Perissinotto faz uma rigorosa análise das diferentes perspectivas do marxismo analítico – G. A. Cohen, Jon Elster e John Roemer. Numa das partes mais interessantes desse capítulo, Perissinotto mostra o diálogo e a incorporação, por parte do marxismo analítico, do individualismo metodológico, da teoria da escolha racional e da teoria dos jogos, que muitas vezes se confundem devido à aproximação teórica e analítica entre essas três vertentes que têm predominado no campo da ciência política liberal. No artigo “Marx e a análise contemporânea de classe”, Perissinotto mapeia a partir de Marx (e de seu inevitável *18 Brumário*) a contribuição da teoria marxista ao tema – Poulantzas, Eric Olin Wright, E. P. Thompson, Przeworsky – mas não se atendo apenas ao marxismo, já que inclui a importante contribuição de Pierre Bourdieu.

O livro suscita diversas questões para reflexão e debate. No entanto, há uma observação a ser feita aos dois autores no que diz respeito a cederem à acusação de “funcionalismo” que as vertentes não marxistas, como o neoinstitucionalismo, endereçam particularmente às análises de Poulantzas. O limite dessa crítica esbarra no fato de que, para o marxismo, as funções de Estado são movidas pelas contradições reproduzidas pelas estruturas e pelo conflito entre as classes sociais, o que inexistente numa perspectiva de fato funcionalista já que não há o conflito de classes (ou mesmo de grupos), mas sim “disfunções” (ou anomias) dentro do sistema. Essa tem sido a principal marca das teorias sistêmicas/funcionalistas desde Durkheim, até Parsons, Merton, Easton e Luhmann, enquanto para o marxismo o conflito faz parte da própria constituição da sociedade e do Estado, o que nos faz compreender as ações dos atores políticos, e o que eles representam de fato, para além do discurso universalista da modernidade burguesa. Esta é apenas uma das questões que esse excelente livro provoca, e os debates que serão constituídos a partir dele estão apenas no início.